

# A Avaliação da Aprendizagem como Processo Interativo: Um Desafio para o Educador

Jane Rangel Alves Barbosa<sup>(\*)</sup>

## Introdução

A avaliação é a mediação entre o ensino do professor e as aprendizagens do professor e as aprendizagens do aluno, é o fio da comunicação entre formas de ensinar e formas de aprender. É preciso considerar que os alunos aprendem diferentemente porque têm histórias de vida diferentes, são sujeitos históricos, e isso condiciona sua relação com o mundo e influencia sua forma de aprender. Avaliar, então é também buscar informações sobre o aluno (sua vida, sua comunidade, sua família, seus sonhos...) é conhecer o sujeito e seu jeito de aprender.

*Paulo Freire*

A avaliação é uma tarefa didática necessária e permanente do trabalho docente, que deve acompanhar passo a passo o processo de ensino e aprendizagem. Por meio dela, os resultados que vão sendo obtidos no decorrer do trabalho conjunto do professor e dos alunos são comparados com os objetivos propostos, a fim de constatar progressos, dificuldades e, também, reorientar o trabalho docente. Assim, a avaliação é uma tarefa complexa que não se resume a realização de provas e atribuições de notas.

A escola não pode estar desvinculada da vida, do mundo que a rodeia, mas tem de estar em sintonia com a comunidade e com o tempo em que vivemos. Logo, a escola responsável não ensina a memorizar, mas a refletir, fazer relações entre dados, informações e idéias, desafiar o senso comum, aprender a pesquisar, saber trocar idéias, ou seja, aprender a aprender aprendendo.

Na nossa sociedade, reservamos às escolas o poder de conferir notas e certificados que, atestam o conhecimento ou a capacidade do indivíduo, tornando assim imensa a responsabilidade de quem avalia. A avaliação é comumente, acompanhada de dúvidas, incertezas e, muitas vezes, de incoerências.

A avaliação é uma reflexão sobre o nível de qualidade do trabalho escolar tanto do professor como dos alunos. Mas, para a grande maioria das pessoas que passaram por uma escola,

---

<sup>(\*)</sup> Doutora em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, professora da Universidade Castelo Branco e do Instituto Superior de Educação da Zona Oeste – Isezo/Uezo/Faetec.

há sempre a lembrança de sabatina, prova exame, verificação, avaliação. Isso se deve, sem dúvida, a experiências negativas com relação à avaliação.

O professor entra na sala de aula e anuncia: – Hoje é dia de prova. Pode-se observar a ansiedade em todos os alunos. Uns, têm um ar pensativo, outros tentam encontrar uma inspiração e/ou refletem profundamente. Mas, o último pensamento de todos em relação à prova é a nota.

Assim, o termo avaliar tem sido constantemente associado a expressões como: fazer prova, fazer exame, atribuir nota, repetir ou passar de ano. Esta associação, tão presente ainda em nossas escolas, é resultante de uma concepção pedagógica ultrapassada, mas tradicionalmente dominante. Nela, a educação é concebida como mera transmissão e memorização de informações prontas e o aluno é visto como um ser passivo e receptivo. Em conseqüência, a avaliação se restringe a medir a quantidade de informações retidas. Nessa abordagem, em que educar se confunde com informar, a avaliação assume um caráter seletivo e competitivo.

No presente trabalho, entendemos a escola como local privilegiado para a construção de conhecimento e valores, que possibilitem a compreensão da nossa sociedade e a organização da ação educacional com vistas à equidade, à autonomia e, conseqüentemente, à inclusão dos indivíduos na vida cidadã. Logo, faz-se necessário focalizar a avaliação da aprendizagem como um processo contínuo de pesquisas que visa interpretar os conhecimentos, habilidades e atitudes dos alunos, tendo em vista mudanças esperadas no comportamento, propostas nos objetivos, a fim de que haja condições de decidir sobre alternativas do planejamento do trabalho do professor e da escola como um todo.

Assim, a avaliação deve ser focalizada como um processo orientador e interativo que deve ser “a reflexão transformada em ação”. Ação essa que nos impulse a novas reflexões.

### **A construção de uma nova prática avaliativa**

Todos nós educadores desejamos uma escola de qualidade, prazerosa e competente, que permita a transformação da sociedade. Queremos uma escola que possibilite aos alunos uma vida cidadã plena, dentro de uma sociedade humana, democrática, justa, ética e solidária, em consonância com o nosso tempo e com a natureza do trabalho didático – pedagógico.

Dentro de uma concepção pedagógica contemporânea, a educação é concebida como a vivência de experiências múltiplas e variadas, tendo em vista o desenvolvimento motor, cognitivo, afetivo e social do aluno. Na sucessão de experiências vivenciadas, os conteúdos são os instrumentos utilizados para ativar e mobilizar os esquemas mentais operatórios de assimilação. Nesse contexto, o aluno é ativo, dinâmico e sujeito, que participa da construção de seu próprio conhecimento.

Dentro dessa visão, em que educar é formar e aprender é construir o\_Próprio saber, a avaliação assume dimensões mais abrangentes. Ela não se reduz apenas a realização de provas e atribuições de notas. Sua conotação se amplia e se desloca, no sentido de verificar em que medida os alunos estão alcançando os objetivos propostos nos projetos pedagógicos para o processo ensino-aprendizagem.

Tais objetivos se traduzem em mudança de comportamentos motores, cognitivos, afetivos e sociais. Se o ato de ensinar e aprender consiste em tentar realizar esses objetivos, o ato de avaliar consiste em verificar se eles estão sendo realmente atingidos e em que grau se dá essa consecução, para ajudar o aluno a avançar na aprendizagem e na construção de seu saber. Nessa perspectiva, a avaliação assume um sentido orientador, cooperativo e interativo.

No pensar de Haydt, tal concepção é reafirmada:

A educação: não mudou apenas os métodos de ensino, que se tornaram ativos, mas incluir também a concepção de avaliação. Antes, ela tinha um caráter seletivo, uma vez que era vista apenas como uma forma de classificar e promover o aluno de uma série pra outra ou de um grau para outro. Atualmente, a avaliação assume novas funções, pois é um meio de diagnosticar e de verificar em que medida os objetivos propostos para o processo ensino-aprendizagem estão sendo atingidos (Haydt, 1988, p.14).

Assim, a avaliação assume uma dimensão orientadora, cooperativa e interativa, onde os resultados obtidos no decorrer do trabalho conjunto do professor e dos alunos são comparados com os objetivos propostos, a fim de constatar progressos, dificuldades e, também reorientar o trabalho docente e a construção dos projetos pedagógicos.

Como podemos observar, o conceito de avaliação da aprendizagem está ligado a uma concepção pedagógica mais ampla, isto é, a uma visão de educação. Logo, o conceito de avaliação depende, portanto, da postura político-filosófica adotada. Além disso, a forma de encarar e realizar a avaliação reflete a atitude do professor em sua interação com os alunos/classe, bem como suas relações com o aluno.

Por sua vez, um professor que deseja ser um profissional competente, responsável e seguro de sua prática docente, que orienta as atividades de aprendizagem dos alunos colaborando com eles na construção/reconstrução do conhecimento, tenderá a encarar a avaliação como um processo orientador e interativo, como uma forma de diagnóstico dos avanços e dificuldades dos alunos e como indicador para o replanejamento de seu trabalho docente.

Nessa perspectiva, a avaliação ajuda o aluno a progredir na aprendizagem, ajuda o professor a aperfeiçoar sua prática pedagógica e a escola a reconstruir seu projeto pedagógico.

Avaliar não é reprovar, mas sim, compreender e promover, a cada momento, o desenvolvimento pleno de quem vivência um processo de aprendizagem.

No pensamento de Vasconcellos (1998), o processo de mudança da prática educacional envolve três aspectos a serem observados pelos professores: a dificuldade de alterar a prática, o papel da reflexão e a perspectiva de construção de uma práxis transformadora, destacando a questão da participação do professor como sujeito.

Precisamos considerar, inicialmente, que a reflexão encontra-se no campo da subjetividade, sendo que os obstáculos para a mudança estão tanto no campo subjetivo como no objetivo. A reflexão não é um processo mecânico, automático e casuístico. A reflexão é, portanto, uma mediação no processo de transformação, ou seja, ela pode agir através do sujeito, tendo por função propiciar o despertar desse sujeito, além de um conhecimento da realidade, uma nova intencionalidade e um novo plano de ação.

Para isto, o professor precisa articular duas dimensões: convencimento, que corresponde a uma mobilização inicial, à gênese do resgate do professor como sujeito – reconstruir o sujeito mediador e, intervenção que, guia para a prática que sequer transformadora, indica caminhos – construir um caminho viável de mediação.

Para reconstrução da prática educacional, é preciso que o professor utilize o seu compromisso, a sua reserva ética, para se engajar e buscar alternativas. Se o professor, não acreditar e não assumir a conquista da condição de sujeito, não estará em condições de atuar como autêntico educador. Por outro lado, se o professor não começar tentar, dar o melhor de si, perde a paixão e o entusiasmo pela educação e pelo ensino.

É possível experimentar e viver o novo desde já, só que de forma incompleta, limitada. O que está em questão não é necessariamente fazer um trabalho docente perfeito, o que é decisivo e realmente transformador é fazer o melhor possível, pois através disso, o professor estará contribuindo para a efetiva formação da cidadania de seus alunos.

### **Avaliação como facilitadora de aprendizagem**

A avaliação deve ser a “reflexão transformada em ação”. Ação essa que nos impulse as novas reflexões. Reflexão permanente do educador sobre sua realidade e acompanhamento, passa a passo, do educando na sua trajetória de construção do conhecimento. Um processo interativo, através do qual educando e educadores aprendem sobre si mesmos e sobre a realidade escolar no ato próprio da avaliação. Não se deseja uma avaliação autoritária que assuma a responsabilidade pelo diagnóstico do desempenho do aluno e a partir daí, tomam-se decisões fora do alcance que a própria avaliação oferece.

A avaliação deixa de ser um momento final do processo educativo para se transformar na busca incessante de compreensão das dificuldades do educando e na dinamização de novas

oportunidades de conhecimento. Na medida em que a ação avaliativa exerce uma função dialogada e interativa, ela promove os seres morais e intelectualmente, tornando-se críticos e participativos, inseridos no contato social e político. É necessário avaliarmos os alunos através da observação diária de seu desempenho, individual e em grupo que nos leva a acreditar que a avaliação é mais do que produção de conhecimento, é um ato político.

É importante destacar a confiança mútua entre educador e educando quanto às possibilidades de reorganização da ação educativa e do saber, transformando o ato avaliativo em um momento de reflexão, descoberta e troca de conhecimentos e aprendizagem.

Finalmente, os professores devem converter os métodos tradicionais de verificação de erros e acertos em métodos investigativos, de interpretação das alternativas de soluções propostas pelos alunos às diferentes situações de aprendizagem. O compromisso do educador com o acompanhamento do processo de construção do conhecimento do educando numa postura crítica que privilegie o entendimento e não memorização.

A avaliação é concebida como um elemento integrador entre a aprendizagem do aluno e a atuação do professor no processo de construção do conhecimento e envolve múltiplos aspectos. Esta deve ser entendida como um conjunto de atuações e ações e tem por função realimentar, sustentar e adequar a intervenção pedagógica.

A verificação e o controle do rendimento escolar para efeito de avaliação é uma função didática. A avaliação do ensino e da aprendizagem deve ser vista como um processo sistemático e contínuo, no decurso do qual vão sendo obtidas informações, atribuindo-lhes valores.

Avaliar bem os nossos alunos tem sido “sempre” um dos maiores desafios para o trabalho educacional, uma vez que pode representar para eles a abertura ou o fechamento de possibilidades de estudar, aprender e se construir como cidadãos em processo de formação.

A avaliação da aprendizagem supõe sempre a existência de um referencial teórico, onde estão implícitos os conceitos que temos de pessoa humana, de sociedade, de educação e avaliação, mesmo que não tenhamos consciência deles. Os diversos autores que têm analisando a avaliação afirmam que ela pode exercer duas funções: a classificatória e a diagnóstico.

A Avaliação classificatória hierarquiza, seleciona e classifica os alunos. A avaliação classificatória reforça o lado cruel da escola, pois, é uma ferramenta para aprovação ou reprovação. A nota ou o conceito atribuído ao aluno tem sido valorizado, numa relação direta, à aprovação ou à reprovação, tornando-se fim, em si mesma, ficando, assim, distanciada da relação com o processo ensino-aprendizagem. Dessa maneira, tudo é feito para melhorar a nota. Estas são comumente utilizadas para reprimir e controlar a disciplina, revelando total ausência de reflexão sobre o desenvolvimento da aprendizagem e o significado da avaliação.

Este tipo de avaliação favorece a repetência e, conseqüentemente, a evasão escolar, não garantindo a afetiva apreensão dos conhecimentos dos alunos aprovados, já que julga, classifica o desempenho dos alunos nos aspectos cognitivos, mas de forma parcial e inadequada. Assim, a avaliação classificatória discrimina e exclui, valorizando a submissão e a obediência incondicional.

A Avaliação Diagnóstica é contínua e se dá no dia-a-dia da sala de aula, permitindo que o professor faça intervenções privilegiando a aprendizagem dos alunos. Deste modo, é capaz de perceber o que o aluno pode fazer sozinho, de forma independente, e com a ajuda de outros colegas ou do professor.

A avaliação continuada da aprendizagem nos permite identificar as conquistas e os problemas dos alunos, auxiliando a escola a exercer sua função básica, que é ensinar e aprender promovendo o acesso ao conhecimento, transformando-se num recurso de diagnóstico para o professor. Dessa maneira, a avaliação precisa adequar-se à natureza da aprendizagem, não pode levar em conta somente o produto (resultado das tarefas), mas principalmente o processo (o que ocorre no caminho).

A avaliação diagnóstica ajuda o aluno a crescer e a se desenvolver tanto cognitiva quanto emocionalmente, auxilia a formação de um cidadão reflexivo, autônomo, crítico, capaz de viver e conviver, participando e interagindo num mundo em permanente mudança e evolução.

No processo de ensino-aprendizagem, o professor desempenha um papel fundamental, que é o de mediador da aprendizagem, ajudando os alunos no processo de construção do conhecimento e de valores e a desenvolver suas habilidades e competências.

## **Considerações finais**

Na avaliação inclusiva, democrática e amorosa não há exclusão, mas sim". Diagnóstico e construção. Não há submissão, mas sim liberdade. Não há Medo, mas sim espontaneidade e busca. Não há chegada definitiva, mas. Sim Travessia permanente em busca do melhor. Sempre!

Luckesi

A avaliação do processo de desenvolvimento e aprendizagem dos alunos não pode ser pensada em si mesma, deve ser realizada em sintonia com o Projeto Político-Pedagógico da Escola, construído coletivamente, que norteia o planejamento e a metodologia da sala de aula.

Assim entendida, a avaliação da aprendizagem é processo orientador e interativo, constituindo um desafio para o professor e também não sendo uma atividade solitária do professor: ela tem que ser compartilhada com os alunos, pais, professores e gestor escolar.

Daí podemos concluir que a avaliação é um processo contínuo, participativo, com função diagnóstica e investigativa, cujas informações devem proporcionar o redimensionamento da ação pedagógica e educativa, reorganizando as próximas ações de todos, no sentido de avançar no entendimento do processo de aprendizagem.

Entretanto, para o professor avançar rumo ao sucesso de todos os alunos, é necessário desconstruir preconceitos, estereótipos e mitos culturalmente enraizados na comunidade escolar tais como Penna Firme (1996) destaca:

- Professor bom é aquele que reprova.
- Repetir é bom para o aluno pegar base.
- Esse menino não tem jeito para o estudo.
- As famílias pobres não dão valor ao estudo.

Uma escola que tem a preocupação com a aprendizagem de todos, que acredita nas potencialidades dos alunos, conseqüentemente, trabalha para o sucesso, estimula a auto-estima e não precisa preocupar-se com o binômio aprovação-reprovação, pois sabe que, no processo de aprendizagem, o aluno sempre alcança progresso e deve prosseguir do ponto em que parou. Admitir a idéia de começar tudo de novo é desconsiderar a natureza do processo.

Finalmente, no processo ensino-aprendizagem, na interação professor-aluno, pode concluir que juntos, acertamos, assumimos riscos, alcançamos objetivos. A avaliação não pode servir para selecionar e excluir o aluno desse processo, pois tal prática é uma violência ao direito à educação. A avaliação deve sempre servir para redimensionar o planejamento do professor e subsidiar o fazer pedagógico. Por conseguinte, voltada para a transformação, a avaliação é muito mais do que a expressão de determinar conceitos para os alunos, ela expressa a postura do educador responsável, ético-político, competente e comprometido com a construção do conhecimento e do desenvolvimento de capacidades, habilidades, competências e atitudes numa escola democrática e cidadã.

## Referências

- ALVES, R.A. *Conversas com quem gosta de ensinar*. São Paulo: Cortez, 1984.
- DEMO, P. *Avaliação Quantitativa*. Campinas: Autores Associados, 1999.
- DEMO, P. *Professor do Futuro e Reconstrução do Conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- HAYDT, R. C. C. *Avaliação do Processo Ensino-Aprendizagem*. São Paulo: Ática, 1988.
- HOFFMANN, J. *Avaliar para promover – as setas do caminho*. Porto Alegre: Mediação, 2001.

- LUCKESI, C. C. *Avaliação da aprendizagem escolar*. S. Paulo: Cortez, 1999.
- LUCKESI, C. C. *Avaliação educacional escolar: para além do autoritarismo*. São Paulo: ANDE, *Revista da Associação Nacional de Educação*, nº. 10, 1986.
- LUCKESI, C. C. *Avaliação educacional: estudos e propósitos*. São Paulo: Cortez, 1996.
- MACHADO, N. J. *Epistemologia e didática: as concepções de conhecimento e inteligência e a prática docente*. S.Paulo: Cortez, 2002.
- MIZUKAMI, M da G.N. *Ensino: as abordagens do processo*. São Paulo: EPU, 1990.
- MORAIS, R. de. *Sala de Aula – que espaço é este?* Campinas: Papyrus, 1996
- MORRIN, E. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1998.
- PENNA FIRME, T. Mitos da avaliação. *Convívio*, nº. 1, fev., 1996.
- ROMÃO, J.E. *Avaliação dialógica: desafios e perspectiva*. São Paulo: Cortez, 1999.
- SACRISTÁN, J. G. GOMES. A. P. *Compreender e transformar o ensino*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- SOUZA, C. P de. *Avaliação do rendimento escolar*. Campinas: Papyrus, 2001.
- VASCONCELOS, C. dos S. *Para onde vai o professor – resgate do professor como sujeito de transformação*. São Paulo: Libertad, 1997.
- VASCONCELOS, C.dos S. Plano de ensino – Aprendizagem. *Convívio*, nº. 1, fev., 1996.
- VIANNA, I. O. de A. *Planejamento participativo na escola: um desafio ao educador*. São Paulo: EPU, 1986.

**Resumo:** Entendendo a escola como local privilegiado para a construção/constituição de conhecimentos e valores, que possibilitem a compreensão da nossa sociedade e a organização da ação educacional com vistas à equidade, à autonomia e à inclusão dos indivíduos na vida cidadã, faz-se necessário focalizar a avaliação da aprendizagem como um processo. Avaliar o processo de aprendizagem é uma tarefa que pode ser compreendida de maneiras diferentes. O objetivo é refletir sobre a avaliação da aprendizagem como processo interativo, através do qual educandos e educadores aprendem por si mesmos e sobre a realidade escolar no ato próprio da avaliação. A avaliação deve ser a “reflexão transformada em ação”. Ação essa que nos impulsiona a novas reflexões. Reflexão permanente do educador sobre sua realidade e acompanhamento sistemático e contínuo do educando, na trajetória da construção do conhecimento.

Palavras-chave: Avaliação; aprendizagem; interação.

**Abstract:** The school can be understood as a privileged place where both knowledge and values are built and established. This makes possible to comprehend our society and as well as the organization of the educational action aiming at equality, autonomy, and, consequently, the inclusion of people’s lives as citizens. It is necessary to treat learning evaluation as a process. To Instituto Superior de Educação da Zona Oeste/Faetec/Sect-RJ.



evaluate the learning process is a task that can be perceived in different ways. The aim is to think deeply about the evaluation of the learning process as being interactive with students and educators gaining knowledge on their own and, at the same time, gathering information about the school reality during the evaluation action. The evaluation must be reflection transformed into action . Action which drives us to new reflection. Permanent reflection from the part of the educator on his reality and a sistematic continuous following of students during their knowledge construction.

**Key-words:** Educational evaluation; learning; interaction.